

NARRATIVAS ORAIS SOBRE A FESTA DO GAMBÁ: fé e cidadania na comunidade de Pinhel, Pará, Brasil

ORAL NARRATIVES ABOUT THE FEAST OF GAMBÁ:
faith and citizenship in the Pinhel community,
Pará, Brazil

Paula Maryse Hoyos LIMA ¹

Célia Regina Trindade Chagas AMORIM ²

¹ Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: pmhoyos@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-2629-2454.

² Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: celia.trindade.amorim@gmail.com. ORCID: 0000-0002-1073-795X.

RESUMO

A Festa do Gambá é uma festa em louvor a São Benedito que acontece no distrito de Pinhel, região do baixo Tapajós, no Pará, todos os anos no mês de junho e sobrevive há mais de 300 anos através da oralidade. O objetivo deste artigo é compreender os relatos orais de ex-moradores de Pinhel, que constroem narrativas peculiares de cidadania sobre a Festa do Gambá. Para isso, traremos o conceito de narração de Walter Benjamin, que vai dialogar diretamente com os sentidos de cidadania propostos por Milton Santos, Boaventura de Sousa Santos e Viveiros de Castro. Por meio de entrevista narrativa, concluímos que a Festa faz mediações relacionadas aos sentimentos de cidadania, pois traz para o presente os anseios e as lutas do passado para um futuro de esperança, sabedoria e fé.

PALAVRAS-CHAVE: Festa do Gambá; Amazônia; narração; cidadania.

ABSTRACT

The Feast of Gambá is a festival in honor of St. Benedict that takes place in the district of Pinhel, in the lower Tapajós region, in Pará, every year in June and has survived for more than 300 years through orality. The objective of this paper is to understand the oral reports of former residents of Pinhel, that build peculiar narratives of citizenship about the Feast of Gambá. For this, we will bring the concept of narrative by Walter Benjamin, which will dialogue directly with the senses of citizenship proposed by Milton Santos and Boaventura de Sousa Santos. Through the narrative interview, we concluded that the Festival mediates the feeling of citizenship, as it brings to the present the yearnings and struggles of the past for a future of hope, wisdom and faith.

KEYWORDS: *Feast of Gambá; Amazon; narrative; citizenship.*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A vida de quem mora na Amazônia possui características peculiares e que se diferem muito da de grupos que vivem nas áreas urbanas do sul e sudeste do país, inclusive também se distinguem de Belém e Manaus, que se apresentam como metrópoles com vida social pulsante. Aqui, falaremos sobre os espaços menos urbanizados da Amazônia e que se apresentam como “um mundo de geografias de léguas de solidão e dispersão entre as casas e as pequenas cidades” (Paes Loureiro, 2001, p. 77), um ambiente de superlativos, longe da correria, das buzinas do trânsito e do dedilhar frenético em telas de celular. É nessa atmosfera que a *narração* reina absoluta como principal canal de transmissão comunicacional entre os povos do interior da Amazônia. Benjamin (1987) a define como uma forma artesanal de comunicação, pois nela o ouvinte terá acesso ao “puro em si” (p. 205), ao que sobreviveu abrigado pela memória, atravessado pelo esquecimento e pela experiência de quem está contando.

Este artigo tem como ambiente a Amazônia brasileira, mais especificamente Pinhel, antiga missão de São José de Maitapus, comunidade indígena localizada na margem esquerda do rio Tapajós, “em terreno elevado, no município de Aveiro” (Vaz Filho, 2010), no Estado do Pará, no Norte do país. Vaz Filho (2010) nos diz que o começo de Pinhel “veio dos índios Cara Preta, Apiaká e bugres” (p. 86) e que esses povos formavam uma só aldeia: os Maytapu.

O objetivo deste artigo é compreender os relatos orais de ex-moradores³ de Pinhel, que constroem narrativas de cidadania sobre a Festa do Gambá, manifestação cultural que sobrevive há mais de 300 anos e que vem passando por diversas alterações. Essas mudanças têm íntima relação com “os impactos da colonização, com as migrações brutais desenraizadoras” (Santos M., 2007, p. 24) e com os atravessamentos impostos pelo avanço do sistema econômico neoliberal.

Para compreender os relatos, traremos o conceito de *narração* de Walter Benjamin, que vai dialogar diretamente com os sentidos de cidadania que a Festa provoca em nossos interlocutores. Para discutir os aspectos de cidadania, recorreremos aos conceitos de Milton Santos, Boaventura de Sousa Santos e Viveiros de Castro. Como caminho metodológico, encontramos na entrevista narrativa proposta por Jovchelovitch e Bauer (2002) o suporte necessário para coleta de dados, levando em consideração “a crescente consciência do papel

³ A escolha por ex-moradores e não moradores de Pinhel se deu por conta do cenário pandêmico da covid-19 que nos impedia de acessar a comunidade, tendo em vista o atraso no processo de vacinação da população.

que o contar histórias desempenha na conformação de fenômenos sociais” (p. 90).

O artigo está dividido em duas partes, iniciando com a apresentação dos interlocutores que narram a Festa do Gambá de acordo com as observações de cada um deles. Neste ponto, também serão expostos os conceitos fundantes do pensamento benjaminiano e, em diálogo com Mark Harris (2006), Vaz Filho (2010; 2013) e Paes Loureiro (2001), vamos adentrar no ambiente amazônico como fonte de compreensão. Em seguida, abordaremos a respeito da cidadania como sentido produzido no universo da Festa do Gambá, trazendo para o debate Canclini (1983), Milton Santos (2011) e Boaventura Santos (2007).

RECONTAR É VIVER: AS NARRATIVAS SOBRE PINHEL E O GAMBÁ.

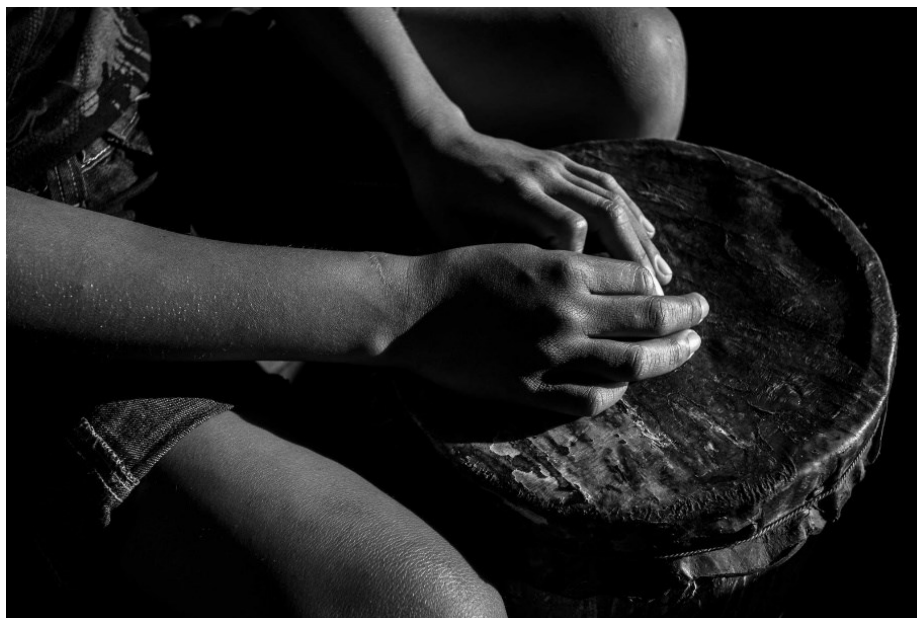
Os povos que vivem na Amazônia sempre construíram um repertório próprio de histórias em que “o real e o imaginal se interpenetram livremente” (Paes Loureiro, 2001, p. 67). Em comunidades como Pinhel, são os “mais velhos”, as pessoas mais antigas da comunidade, que reproduzem histórias de geração para geração, ocupando o lugar de narradores, ou seja, são pessoas que detêm muita sabedoria e muito conhecimento.

Embora esse canal de comunicação contido na narração seja eficiente, muito da história de Pinhel “foi sufocada e enterrada” (Vaz Filho, 2010, p. 85), excluída dos livros de história. No entanto, uma parte dela ainda se mantém viva nos relatos orais produzidos por moradores e também por ex-moradores da comunidade, sendo estes últimos os interlocutores principais deste trabalho. Dona Eunice, Florenice, Seu Roselino, Elivany e Florêncio Vaz são ex-moradores de Pinhel que tive a oportunidade de conversar e todos mantêm residência fixa em Santarém, cidade de médio porte da região Oeste do Pará, que fica distante 12h de viagem de barco de Pinhel.

Nossos interlocutores moram há bastante tempo em Santarém, porém ainda mantêm íntima relação com a comunidade em que nasceram. Além de parentes, amigos e familiares, Pinhel guarda algo que é muito caro para todos eles: a Festa do Gambá, ou Festa de São Benedito, como também é conhecida. O *gambá* que dá nome à Festa não tem qualquer relação com o animal silvestre que possui o mesmo nome, mas sim faz referência a um tipo de tambor feito com madeira oca e pele retesada de animal. O som grave desse instrumento dá o tom da Festa e suas batidas ecoam forte por entre as florestas que circundam Pinhel. Para tocar o *gambá* é necessário deitar o tambor e sentar sobre ele, de modo que o couro seja facilmente acessado

pelas mãos do músico.

Figura 1: O *gambá*, instrumento que dá nome à Festa de São Benedito, em Pinhel.⁴



Fonte: Tiago Silveira, 2016. Arquivo pessoal.

O grupo de foliões responsável pela música da Festa é composto pelo mestre cantor, que além da voz usa a caixa, uma espécie de tambor cuja sonoridade se dá através de duas baquetas. Além dele, o grupo conta com reco-reco, caracaxá, tambores e, claro, o *gambá*.

A Festa do Gambá acontece todos os anos nos dias 28, 29 e 30 de junho e é bastante famosa nos arredores de Pinhel, sobretudo em comunidades como Camarão, Escrivão e cidades como Aveiro, Santarém e Itaituba. Quem vai até a Festa do Gambá é recepcionado por fogos de artifício que são disparados ao céu por moradores. Algo que impressiona quem vai pela primeira vez, é o fato de que as embarcações que chegam até Pinhel também disparam fogos de artifício, como se estivessem respondendo ou de alguma forma se comunicando. Sobre isso, Florêncio Vaz nos diz que:

É simplesmente uma das coisas mais bonitas que tem na Festa do Gambá. As pessoas que vêm de fora e chegam lá a gente solta aqueles fogos já no meio do rio e as pessoas da terra respondem. A gente solta novamente e eles

⁴ Todas as imagens do fotógrafo Tiago Silveira que estão neste trabalho possuem autorização de uso, com documento assinado pelo artista.

respondem. Aquilo ali é uma força simbólica super poderosa que é até emocionante pra quem tá na terra, pra quem tá chegando. É como se aqueles fogos falassem por nós. Aqueles fogos ecoam, eles são escutados em Cametá, que é a comunidade vizinha. Eles são escutados por todas as famílias e por todas as casas. E é aquela coisa, eu solto fogos aqui, eles respondem de lá e não pode haver só eu solto fogos daqui e eles não soltam. As pessoas ficam desesperadas: “arruma uma pistola aí pra gente responder pra eles”. Isso é comunicação através desses símbolos. (Florêncio Vaz, 2010)

Assim que descem das embarcações, todos são recebidos na margem do rio pela imagem de São Benedito e pelos batuques do *gambá*. Após isso, as mulheres mais antigas da comunidade oferecem o banho de cheiro que é uma benção com água de ervas perfumadas cuja intenção é tirar da pessoa as energias ruins. Tudo acontece sob o olhar atento dos moradores que descem até a praia curiosos para saber quem foi e quem não foi participar da Festa naquele ano.

Figura 2: O banho de água perfumada com ervas.



Fonte: Tiago Silveira, 2016. Acervo pessoal.

Ao som da música dos *gambareiros* - expressão que identifica os foliões responsáveis pela música da Festa do Gambá, e acompanhados pela imagem de São Benedito, em procissão, todos seguem caminhando em direção à comunidade, entoando canções que falam sobre Jesus, Nossa Senhora e São Benedito. A partir daí, inicia-se a *esmolação*, que é um “rito de visitação para recolher doações” (Carvalho; Portela, 2020, p. 47) dentro da própria comunidade. Alguns

dias antes da Festa, um grupo de foliões, acompanhados da imagem de São Benedito faz o mesmo cortejo de *esmolação* nas comunidades vizinhas.

A *esmolação* é um momento muito aguardado pelas famílias de Pinhel que preparam altares improvisados para receber a imagem do santo. É como se as famílias que recebem a imagem virassem protetoras do santo por alguns minutos, o que é motivo de grande honra para quem é de Pinhel. Florêncio Vaz nos conta que:

A gente sempre doa arroz, qualquer coisa, naquela hora que a imagem do santo passa esmolando nas casas. São vários símbolos que pra gente que está fora tem um significado muito forte de reconexão, de reencontro e a imagem do santo, as fitas, o tarubá que a gente bebe no último dia. (Florêncio Vaz, 2010)

Figura 3: Imagem de São Benedito sendo conduzida na *esmolação*.



Fonte: Tiago Silveira, 2016. Arquivo pessoal.

No final da tarde do dia 28, todos se dirigem até uma área descampada da comunidade para a levantação do mastro, rito antigo da Festa. Ao som do batuque do *gambá*, um tronco de madeira é coberto com ramagens e decorado com frutas da época e garrafas de bebida alcoólica. No topo é fixada uma bandeira com o nome e a imagem de São Benedito.

Figura 4: Ramagens que cobrem o mastro da Festa.



Fonte: Tiago Silveira, 2017. Acervo pessoal.

A Festa também tem momentos de muita retidão, como é o caso da ladainha que são rezas em latim entoadas pelas mulheres mais antigas da comunidade. As ladainhas acontecem dentro do Barracão de São Benedito e atraem um número reduzido de pessoas. Assim que finalizam as rezas, acontece a “noite cultural”, momento em que os visitantes assistem apresentações de danças folclóricas como carimbó, quadrilhas juninas e o tão esperado Gambá, que finaliza a noite. Seu Roselino, que por mais de 10 anos foi um dos personagens principais da dança do Gambá, relata que:

Essa noite cultural não existia, foi criação dos filhos mesmo de lá. A Flaviana, que é filha de uma comadre minha, e a Raimunda que era uma professora que veio pra lá também. Ai se entrosaram e pensaram por quê que não tinha a noite cultural que sempre eles dançam e aí essa cultura que vem aqui não tem nome, foi pra valorizar a noite e as brincadeiras. (Roselino)

Figura 5: O barracão de São Benedito.



Fonte: Tiago Silveira, 2016. Acervo Pessoal

Figura 6: Livro contendo as ladainhas.



Fonte: Tiago Silveira, 2016. Acervo pessoal.

Na dança do Gambá, o Rei e a Rainha dançam arrastando os pés para lá e para cá e utilizam roupas brilhosas nos tons verde, vermelho, branco e amarelo. Ambos utilizam coroas na cabeça, com fitas coloridas penduradas no topo que alcançam a cintura de cada um. Ao som da música dos *gambareiros*, Rei e Rainha dançam por toda a extensão da quadra, nesse momento já acompanhados por um grupo de pessoas que vestem roupas comuns. São jovens e

crianças que representam os visitantes. Aos poucos, quem está ao redor da quadra entra na dança e todos celebram o *gambá* arrastando os pés de um lado para o outro ao som do batuque forte do tambor.

No dia 29 acontece a tão esperada festa dançante. Ainda pela manhã, desembarcam na praia aparelhagens de som e dezenas de caixas de cerveja que serão comercializadas durante a programação noturna. Essa festa é o que tem atraído a maioria dos visitantes de uns anos para cá. Ao longo do dia, torneios de futebol animam o ambiente e acirram disputas entre comunidades vizinhas e também moradores de Pinhel. Ao cair da tarde, a imagem de São Benedito sai em procissão pelas ruas ao som de foguetes, cantos e orações e ao final, uma missa é celebrada pelo padre de Pinhel. Assim que terminam as orações, o som é acionado no barracão sinalizando que a festa dançante já vai iniciar. Por toda a extensão da comunidade, inúmeras barracas vendem bebidas alcoólicas industrializadas. Grande parte dessa bebida é levada até Pinhel pela banda que fará a apresentação, o que lembra Canclini (1983) quando nos diz que as festas populares “reafirmam as diferenças sociais e propiciam uma nova ocasião para que se exerça a exploração interna e externa sobre o povo (...) ao mesmo tempo que possui elementos de solidariedade coletiva” (p. 56). O olhar de Florêncio sobre isso é de que:

Eles querem mostrar pra gente que eles também são modernos e consumir álcool industrializado na forma de cerveja, consumir juntos, pagar pros amigos ‘ei Florêncio, toma a tua aqui’. E aí eu já bebi umas duas lá com ele e pago outra. São trocas. E a cerveja também apesar de ser altamente capitalista, vir lá não sei de onde, a Ambev que controla nossos bolsos, mas naquele momento, por um processo de apropriação cultural e política também, as pessoas dizem assim ‘não, eu posso pagar e posso doar, posso presentear e recebo cerveja’. Consumir cerveja publicamente é um ato de mostrar pro santo que você está colaborando com a festa. Não basta só você comprar cerveja e ficar tomando lá no quintal com os amigos e parentes. Isso é uma dimensão, a gente bebe junto e comemora junto. Mas ir pra festa, consumir no bar do santo, passear, mostrar, é todo um conjunto de coisas. (Florêncio Vaz, 2010)

São poucos os que ficam para o último dia de Festa, 30 de junho, momento em que acontece a derrubada do mastro. Os moradores seguem levando o mastro até o barracão e seguidos por moradores levam nas mãos os arbustos que cobriam o mastro no que parecem pequenas vassouras. Será a *varrição*, que é a despedida da Festa, um ritual que se assemelha ao de limpeza do ambiente para a festa do ano seguinte. Segundo Elivany:

as pessoas vão lá e tiram aquela vassoureira que é o mato que enfeita aquele pau, aquele mastro, e todo mundo sai dançando. E aí tem o tarubá que é a bebida que se toma e aí esse momento é muito interessante. E

esse momento da varrição é o que eu mais gosto. Que a gente vai saindo pela casa dos outros, quase com todo mundo a gente dança e toma o tarubá. Sai da derrubação do mastro, vai pro barracão e anda em algumas casas mais próximas, mas se centraliza lá no barracão. (Elivany, 43 anos)

Figura 7: O ritual de derrubada do mastro.



Fonte: Tiago Silveira, 2017. Acervo pessoal.

A Festa do Gambá tem em sua gênese um longo processo que alterou a comunidade e que nos trouxe até os dias de hoje. Para entender um pouco sobre isso, ouvimos os relatos de nossos interlocutores, levando em consideração que “o processo predominantemente oralizado de transmissão cultural” (Paes Loureiro, 2001, p. 67) e a existência de uma “tradição oral de resistência colonial” (Harris, 2017, p. 81) na Amazônia, levou os ribeirinhos a construírem um repertório particular de histórias que os conectam com o passado e que também os constituem enquanto sujeitos. Nas palavras de Gagnebin (2013) “essa importância sempre foi reconhecida como a da rememoração, da retomada salvadora pela palavra de um passado que, sem isso, desapareceria no silêncio e no esquecimento” (p. 3).

Para Vaz Filho & Carvalho (2013), o compartilhamento de histórias relatadas por terceiros supõem uma crença partilhada entre quem conta e quem escuta (p. 13) e que acaba se tornando um bem coletivo (p. 15), aproximando os indivíduos e alimentando tudo que se conhece sobre muitas regiões da Amazônia.

Ao mesmo tempo em que essa comunicação oralizada seguia seu ritmo, sem qualquer mediação através das “peles de imagens” (Kopenawa & Albert, 2010) a comunidade de Pinhel sofria os impactos da colonização. No século XVII, a cultura hegemônica que “mapeou,

apropriou e explorou sob a bandeira da missão cristã” (Mignolo, 2017, p. 4), territórios como Pinhel, alterou a vida dos ribeirinhos e asfixiou suas práticas religiosas e tradições culturais. A catequização dos indígenas causou não apenas alterações no cotidiano, mas também o epistemicídio⁵ dessas populações. Considerados povos primitivos com culturas subalternas, esses sujeitos eram vistos como “aquilo que olha para trás, um estágio talvez admirável porém atrasado do desenvolvimento da humanidade e, por essa razão, expropriável por aqueles que já conquistaram o estágio avançado” (Martín-Barbero, 1997, p. 31)

Sobre essa tensão entre povos originários e europeus dentro de Pinhel, Seu Roselino relata que:

O padre que justamente fundou Pinhel, o José da Gama, a missão de São José dos Maitapu, então somente ele podia ter uma imagem, o meu avô falou. Então, o São José que é padroeiro de lá até hoje, foi trazido por esse padre pra conquistar o povo que vivia ali, que não conhecia, que era analfabeto e que vivia fora do planeta pra melhor dizer. Então, esse padre chegou lá e começou a catequisar aquele povo pra juntar tudo. (Roselino)

O relato de Seu Roselino nos traz a realidade de uma parte dos povos da Amazônia nesse período: o silenciamento forçado. “Por muitos anos, rotularam esses grupos como seres humanos sem voz e estabeleceram que a causa do mutismo de seus membros estava exclusivamente atrelada à própria existência”. (Amorim, 2021, p. 13). Mas Amorim (2021) alerta também que a causa desse silenciamento não se encontra nos povos da Amazônia, “mas na ordem do sistema mundial que a tudo – e a todos e todas – quer controlar” (p. 13). Em consonância com este pensamento, dialogamos com Kopenawa & Albert (2010) quando eles nos dizem que:

Nossos antepassados não possuíam peles de imagens e nelas não inscreveram leis. Suas únicas palavras eram as que pronunciavam suas bocas e eles não as desenhavam, de modo que elas jamais se distanciavam deles (p. 76).

E assim os relatos orais sobreviviam e levavam de geração para geração costumes, crenças, histórias e a cultura de muitos povos. O narrador, responsável por esse processo de transmissão de histórias, capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada, e com isso funda um conceito de presente como um “agora” (Benjamin, 1987, p. 232). Nossos interlocutores assumem a função de narradores

⁵ Termo usado por Boaventura de Sousa Santos (2009) para conceituar a supressão violenta de toda e qualquer prática social e cultural que era comum entre nativos com a intenção de homogeneizar o mundo.

como os que Benjamin descreveu, transformando histórias do passado de Pinhel no “agora” desse trabalho.

No entanto, Benjamin nos alerta para algo que chamou de “nova barbárie”, que se evidencia pela “ausência de vinculação entre patrimônio cultural de uma sociedade e os indivíduos que fazem parte dela” (1987, p. 115). Esse conceito benjaminiano se apresenta claramente em uma das falas de Dona Eunice, que nos revela que:

Esses jovens de agora não querem mais saber disso, só querem saber de ter um bar com bebida, bebem a noite toda, não demora brigam. Agora é diferente, porque nessa Festa não tinha cachaça, era só o tarubá. Tinha tarubá doce, tinha tarubá azedo, não era vendido nada, lá a gente comia a vontade, tudo era dado. Tinha biscoito, café, munguzá. Hoje não tem mais isso. (Dona Eunice)

Com a ausência de vinculação aos bens culturais observados por Benjamin, as sociedades deixam de penetrar no mais profundo de si mesmas, “naquilo que habitualmente lhes escapa, para compreender-se e restaurar-se” (Canclini, 1983, p. 54). Isso fica bastante claro no relato de Dona Eunice. No entanto, a Festa causa efeito contrário nos ex-moradores que tivemos acesso, inclusive em Dona Eunice. Para os interlocutores, a Festa reacende o sentimento de comunidade e todos se sentem novamente parte de Pinhel, mesmo sem manter residência fixa naquele local.

Sobre isso, falaremos um pouco mais a seguir.

FESTA E CIDADANIA NO GAMBÁ DE PINHEL

Falar sobre o Gambá de Pinhel com nossos interlocutores abre margem para que memórias muito antigas sejam ativadas e verbalizadas sem que se precise perguntar muitos detalhes.

Nas sociedades, as Festas, além de manifestações culturais e parte da representação da história de alguns povos, são um fundamento de comunicação, “uma das expressões mais completas das utopias humanas de igualdade, liberdade e fraternidade” (Amaral, 1998, p. 22). Além disso, se apresentam como mediação “entre o passado e o futuro, realizada no presente e através da qual a humanidade poderia caminhar no tempo, tanto para frente quanto pra trás” (Amaral, 1998, p. 26).

Canclini (1983) nos traz a noção de que as festas camponesas, de raízes indígenas, são vinculadas à vida comum do povo (p. 54) que:

Impõe uma ordem a poderes que sente como incontroláveis, procura transcender a coerção ou frustração de estruturas limitativas através da sua reorganização cerimonial, imagina outras práticas sociais, que às vezes chega a pôr em prática no tempo permissivo da celebração. Nem sempre estas práticas são libertadoras, mas sim, aparecem estruturadas, tanto por sua ordem interna como pelo espaço delimitado que ocupam na vida cotidiana que as precede e as continua e que nelas se inscreve. (Canclini, p. 55)

As Festas não apenas fazem essa conexão entre a vida comum das pessoas, mas também podem ser entendidas como “a vivência de uma experiência de cidadania alternativa” (Amaral, 1998, p. 24). Essa ideia de pertencimento a um território, de construção coletiva de um espaço de folias é muito presente na Festa do Gambá.

Nesse artigo trazemos uma visão diferenciada sobre a Festa, tendo em vista que nossos interlocutores não moram na comunidade e por isso se relacionam com o Gambá de uma forma distinta, mas não menos especial do que quem mantém residência fixa em Pinhel. Utilizamos o conceito de entrevista narrativa proposto por Jovchelovitch e Bauer (2002), pois:

Através das narrativas, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (p. 91)

Para capturar os relatos utilizamos um gravador digital e o caderno de campo para anotação das impressões de cada encontro. Ao longo de uma semana encontramos nossos interlocutores e constatamos que foi a busca por ser um brasileiro “para pensar, agir e se considerar como cidadão” (Viveiros de Castro, 2017, p. 4), que os levou a abandonarem Pinhel e partirem rumo a centros urbanos como Santarém ou Manaus.

Na década de 70 era muito comum pessoas migrarem até estes locais para viver, tornar-se um ser no mundo, e assumir, com os demais, uma herança moral, que faz de cada qual “portador de prerrogativas sociais” (Santos, M., 2011, p. 82). Dessa forma, deixavam de ter como referência primordial “a relação indígena vital, originária, com a terra, com o lugar em que se vive e de onde tira seu sustento, onde se faz a vida junto com seus parentes e amigos”

(Viveiros de Castro, 2017, p. 4). Nesse caso, Seu Roselino, Dona Eunice, Florenice, Elivany e Florêncio abandonaram Pinhel para ser um cidadão que olha para cima, para um espírito encarnado sob a forma de um Estado transcendente. Meus interlocutores abandonaram suas terras em busca de oportunidades para estudar em Santarém e por ali permanecem até hoje.

Essa é uma característica comum em países que não superaram as feridas abertas pelo capitalismo e que ainda hoje sofrem o que Boaventura de Sousa Santos (2007) chama de subumanidade moderna, que, nas palavras desse autor, é “a negação de uma parte da humanidade” (p. 76), assim como no período colonial quando o Papa Paulo III concebeu a alma dos povos indígenas como um receptáculo vazio, uma *anima nullius* (Santos, 2007, p. 75). Essa negação fez com que os indígenas que foram arrancados de suas terras fossem unificados para melhor serem des-multiplicados, homogeneizados, abasileirados (Viveiros de Castro, 2017, p. 4).

Seu Roselino contou que “nem pensava de estar por aqui”, pois nasceu e morou a maior parte da vida em Pinhel. Foi a saída de seus filhos de Pinhel que o fez abandonar o território de origem e partir rumo a Santarém.

Depois que completei 60 anos é que vim pra cá por causa dos meus filhos. Estudaram, mulher arranjou homem e depois o derradeiro casou também e aí não voltaram mais pra lá. Depois eu me aposentei também e agradeço muito a Deus por isso. A minha esposa aposentou também. Aí, o que eu tinha que fazer já fiz, já tão tudo criado, então foi assim. (Roselino)

A história da família de Seu Roselino é semelhante a de Dona Eunice. Florenice, filha de Dona Eunice veio para Santarém ainda muito criança, junto com um dos irmãos.

Como eu sou uma das mais velhas, primeiro veio eu e meu irmão mais velho, eles colocaram a gente na casa de uma irmã dela (Dona Eunice) que morava aqui. Eu vim com 4 anos e meu irmão com 5 pra estudar pra cá. E aí quando já tinha os outros pra estudar foi que o papai alugou outra casa aqui pra mamãe vir pra cá com os outros filhos pra estudar (Florenice)

As gerações seguintes também continuaram sendo arrancadas de Pinhel para que buscassem longe de seus territórios uma cidadania que o Estado pode garantir e que a Constituição lhes assegura. Elivany, por exemplo, relata que aos 8 anos de idade perdeu o pai vítima de picada de cobra. Essa situação alterou totalmente seu núcleo familiar e culminou com sua vinda para Santarém.

Foi uma mudança radical, porque a minha mãe ficava em casa e o meu pai que saía pra caçar, pra plantar, essas coisas geralmente é mais o chefe da família. Aí com isso ficou tudo muito tumultuado pra minha mãe, só nas costas da minha mãe. (Elivany)

Aos 12 anos de idade Elivany construiu uma nova forma de sociabilidade que não se assemelhava em nada com o que havia experimentado em Pinhel. Não havia aquele entrosamento que é comum em espaços em comunidades, onde todos são muito próximos e se ajudam. Na cidade, o ritmo de vida era mais acelerado, o contato com a natureza era menos frequente e as relações interpessoais muito mais frias. Por isso, o mês de junho era tão aguardado por Elivany e por nossos interlocutores. Era o momento em que revisitavam o sentimento de pertencimento e de coletividade que só em Pinhel, na Festa do Gambá, encontravam.

Nem a festa do padroeiro que é a Festa de São José me atrai tanto. É uma festa muito sem graça, até porque os padres não permitem danças, torneios, consumo de bebida alcoólica, então a festa foge àquela ideia que eu tenho de uma festa comunitária, indígena, pode-se dizer, onde todo mundo convive, você viu ali na cozinha do meu irmão todo mundo ali na mesa o tempo todo comendo, bebendo, conversando e ele feliz por ver a gente voltando. (Florêncio)

A impossibilidade de visitar Pinhel com frequência fez com que nossos interlocutores encontrassem somente na experiência da Festa do Gambá o resgate aos sentimentos de ancestralidade e pertencimento ao território de origem. Viveiros de Castro (2017) afirma que ao contrário do que se pensa, as terras que os indígenas ocupam não são sua propriedade, mas sim são eles que pertencem à terra. Por isso, migrar para outros territórios em que não são parte da terra, fez com que nossos interlocutores não se permitissem ser representados por um Estado que lhes perseguiu, matou e silenciou por muitos séculos e “que os desindianizou com a intenção de implantar um modelo de civilização que nunca serviu a ninguém a não ser aos poderosos” (Viveiros de Castro, 2017, p. 5).

A conexão entre quem mora em Pinhel e quem é ex-morador é a grande mágica que media a sensação de cidadania, de se reconhecer, de pertencer a um território, de não ser apenas um no meio da massa. A Festa é a apoteose dessa relação, tendo em vista que as festas populares “são mediadoras entre anseios individuais e coletivos, mito e história, fantasia e realidade, passado e presente, presente e futuro, nós e os outros”. (Amaral, 1998, p. 22). A Festa tem o

poder de escavar na história as lutas, o passado que, mesmo sangrento, constituiu a sociedade de Pinhel e a atirou para um futuro que respira histórias de sabedoria e fé.

REFERÊNCIAS

AMARAL, C. M. P. R. **Festa à Brasileira: significados do festejar no país que não é sério**. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas. (2021). **Paulo Freire e o direito à palavra dos/as oprimidos/as nas lutas anticapitalista, antirracista e anti-heteropatriarcal**. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2021/trabalhos/paulo-freire-e-o-direito-a-palavra-dos-as-oprimidos-as-nas-lutas-anticapitalista-a?lang=pt-br>. Acesso em 13/11/2021.

BENJAMIN, Walter. “O Narrador”. In *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*, vol. 1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987 pp. 197 a 221.

BENJAMIN, Walter. “Sobre o Conceito de História”. In *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*, vol. I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, pp. 222 a 232.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HARRIS, Mark. “Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo”. In *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2006, p. 81-108.

HARRIS, Mark. **Rebelião na Amazônia: Cabanagem, Raça e Cultura Popular no Norte do Brasil, 1798-1840**. Campinas: Unicamp, 2017.

KOPENAWA, Davi; Albert, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MIGNOLO, Walter D. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2017, v. 32, n. 94.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica. Uma poética do imaginário.** São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** Revista Novos Estudos, 2007, v. 79, pp. 71-94.

SANTOS, M. **“Há cidadãos neste país?”**. In O espaço da cidadania e outras reflexões. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011, pp. 82-94.

VAZ FILHO, Florêncio. **A emergência étnica de povos indígenas no baixo Rio Tapajós, Amazônia.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas/Universidade Federal da Bahia, 2010.

VAZ FILHO, Florêncio; Carvalho, Luciana Gonçalves de (Ed). **Isso tudo é encantado.** Ufopa: Santarém, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os involuntários da Pátria – Elogio do subdesenvolvimento.** Chão da Feira, 2017, Série Intempestiva Nº 65.